



CONFRARIA DO
COPPO FURADO

Ipanema - Rio de Janeiro - Brasil
Criada em 13 de agosto de 1994

Unidos Beberemos ! Sozinhos Também !

Protetor: São Benedito
Patrono: Tom Jobim

G O L E S & T R A G O S

Folha de Pingofilia da Confraria do Copo Furado

Ano I nº 3 - Agosto de 1995

Edição de 1º Aniversário

UNIDOS BEBEREMOS! SOZINHOS TAMBÉM!

CONFISSOES DO PRESIDENTE - Cachaça, pinga, cana, aguardente, caninha, paraty. O tenente-coronel Visconde Beaurepaire-Rohan escreveu no seu dicionário de 1889: "CACHAÇA, s.f. aguardente feita com o mel ou borras do melaço, diferente da que fabricam com o caldo da cana, à qual chamam aguardente de cana ou caninha". Hoje, as denominações se equivalem, não importando caldo ou melaço. No século XVII "Paraty" significa cachaça. No Dezenove, na Corte, o Rio de Janeiro, só se diz paraty. No Nordeste, falou-se mais "cana". De Minas até os pampas, "pinga". No início deste século, paraty é sinonímia nacional de cachaça.

Paraty, no século XVIII, no seu apogeu, chegou a ter mais de 150 alambiques, o que se poderia imaginar, no mínimo 40 ou 50 marcas ou rótulos diferentes. Uma delas chamava-se "Paraty", exportada para as cortes europeias. Celeberrima. Mas, creio, não foi esta apenas que deu fama e glória ao nome. A agricultura, a indústria e o comércio da aguardente, a cultura popular, na sua diversidade policromática e multifuncionalidade contagiada, formada a partir da cachaça, por ela, com ela, nela - isto, sim, certamente, consagrou em definitivo no gosto das gentes, as pingas de Paraty. Corpo, cor, aroma, colar, bochecho, "descida macia e sem raspar", "sentada", efeito e conseqüências. Eu alcancei, na década de 50, a Graúna, produzida na fazenda do mesmo nome, pelo pai do atual Bispo de Friburgo, Dom Álamo, num belo vale verde, à beira-mar, próximo à cidade, na direção norte. Um néctar, uma maravilha. Kabinha conheceu. Que eu saiba, hoje não existe uma garrafa sequer. Talvez algum colecionador. Protestante. Alcancei, também, a Branca do Peroça, fabricada na Fazenda do Fundão, um bellissimo lugar, pela família Alvarenga Corrêa. Atualmente, e isto há um ano, venho saboreando uma Azuladinha do Peroça, de 1950, curtida na casca da tangerina para pegar a cor azul. Mas não há gosto de laranja algum. A que estou bebendo não tem mais cor azul. É branca, levemente amarelada, porque teve um envelhecimento curto em barril de amendoim e a rolha apodreceu. Parece um jerez espanhol, misterioso, provocador, nobilíssimo. Diziam, os mais exigentes, que as azuladinhas, de que marca fossem, e todos os engenhos faziam a variação, "davam dor de cabeça", depois da 2ª ou 4ª dose. Bobagem. Nunca senti nada. As azuladinhas não tinham gosto diferente. Era a mesma cachaça. Somente eram azuis sob a luz. Quatro confrades, que estão entre nós, provaram esta de 1950, agora, em meados de agosto.

Comecei a beber - a provar - cachaça aos 6 anos de idade. Principalmente, na frente das visitas. Meu pai deixava que eu experimentasse, molhasse os lábios, depois a língua, a goela... E aí, pronto! Gostei e a paixão permanece até hoje. Sempre renovada, reveladora, mística, poética, romântica. Bebi cachaça com pescadores, senadores, agricultores, desempregados, artistas, alcoólatras, sacerdotes. Mas dois em contros de muita arte e humor me marcaram: em Paraty, até o amanhecer, Ziembisky e Nelson Cavaquinho. Cachaça, papo, música, trocas, sabedoria, crescimento.

Bebo cachaça há 39 anos. Sem parar. Estou saudável. Sou feliz. Estamos felizes e de parabéns. Viva a Confraria do Copo Furado!